

# A REVOLUÇÃO ARGENTINA E A CONTRA-REVOLUÇÃO BRASILEIRA

6. VIII. 57

Já comentámos, nestas colunas, a grande lição que, para as demais nações latino-americanas, constitui a recente eleição na República Argentina. Não hesitou em convocá-la o Governo Revolucionário, pois governo revolucionário é, não ditadura, como com refalsada ma fé lhe chama o ex-ditador Peron. Incorreu certamente em grande risco, mas superou-o demonstrando que a esmagadora maioria do povo argentino repudia o peronismo. Não obstante a corrupção que produziu no organismo nacional e as dedicações que comprou, nada mais conseguiu o caudilho, senão demonstrar que apenas uma reduzida minoria ainda o apoia. Peron nunca mais voltará a dominar a nobre nação argentina.

Algum espírito por demais exigente poderá alegar que, ainda assim, grande é, após a queda do ditador o número de peronistas; que, em face da corrupção e da violência posta a nu pelo Governo Revolucionário universal devera ser a execração ao tirano. Deve-se, porém, não esquecer que, no seio de todos os povos, há sempre um maior ou menor número de pessoas que tendem antes para o mal, do que para o bem, e fornecem a base para tôdas as perversões da vida pública. Não há, entre nós, quem creia não ser crime roubar, desde que o roubo tenha alguma compensação?

Tomando, pois, em conta tais fatores negativos — naturais e inevitáveis — dúvida não pode haver de que o povo argentino deu uma demonstração de verdadeira grandeza.

E nós, brasileiros, como nos havemos de sentir diante de tamanho exemplo? Simplesmente envergonhados. Ou não amamos a democracia e a virtude, ou nos mostramos incapazes de preservá-las e defendê-las. Por duas vezes nos libertaram da degradação e por duas vezes reincidimos nela. Em 1945, a eleição, em vez de sepultar a ditadura, trouxe à tona os ditatoriais, postos sob o patrocínio da candidatura Eurico Dutra, e êstes, com a cumplicidade de falsos democratas, decorridos alguns anos, puseram o ditador deposto no governo constitucional da República. Foi uma contra-revolução, da qual nem todos tiveram consciência nítida, por se haver processado gradativamente pelo voto, em dois pleitos presidenciais consecutivos. Regressámos à situação política anterior, embora revestida de roupagens constitucionais. Tínhamos mais uma vez a corrupção do Estado Novo, que voltava pela mão do voto popular e tão intensa era, que levou ao trágico desfêcho de 24 de agosto. Esta última revolução — pois era verdadeiramente uma revolução contra as misérias da nossa vida pública — dir-se-ia definitiva. Parecia impossível a

volta dos que tão ignôbilmente haviam explorado o poder. Pois nova contra-revolução vitoriosa se produziu: primeiro pelo voto, com a eleição de um presidente ligado à situação deposta e, depois, pelos dois sucessivos golpes de Estado de 11 e 21 de novembro.

Essa o segundo regresso ao poder dos homens da Dita-

dura. E, para que nenhuma dúvida possa restar a respeito do tremendo caráter desta reação criminosa, temos agora a nomeação do novo ministro da Aeronáutica, pessoa que, além de estreitamente ligada ao Ditador deposto, não parece ter os predicados essenciais ao exercício do alto cargo, principalmente na delicada situação atual. Sob a égide do sr. Juscelino Kubitschek e sob o comando do general Henrique Teixeira Lott perfêz-se a contra-revolução. Restaurou-se a corrupção no seu trono.

Na República Argentina, a Revolução parece definitiva, pois foi legitimada pelo voto. No Brasil, nada mais resta da Revolução, feita contra o Estado Novo. No poder se acham os mais categorizados representantes da Ditadura deposta. Mais que de tristeza, é para encher de vergonha, a comparação.